

Título

O problema mente-cérebro

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Não publicado. Anotações do autor para Seminário apresentado pelo autor em disciplina do Doutorado em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

O problema mente-cérebro

DUALISMO

1. Dualismo de Substância

Somos todos desalmados?

Argumento central:

(Descartes) A mente é distinta e independente do corpo material (*res cogitans* x *res extensa*). Remonta a Platão, quando concebeu a noção de idéia, como sendo possível de existir no plano abstrato.

Corolários:

- acesso privilegiado ao mental (inescrutabilidade dos estados subjetivos)
- natureza dos autônomos (replicação do corpo \neq replicação do ser humano)

2. Dualismo de Propriedades / Atributos

Água pensa?

Argumentos centrais:

Estados mentais são uma propriedade especial ou um atributo específico de algumas porções da matéria da qual é composto o universo. O mental emerge do material, mas não pode ser descrito em termos físicos.

Existem os qualia – elementos da experiência humana que seriam inescrutáveis e incomunicáveis mesmo entre seres humanos que partilham uma mesma linguagem e uma mesma perspectiva específica de mundo. Os qualia são apenas parcialmente descritos pela linguagem.

Defensores:

Thomas Nagel (*What is like to be a bat?*)

- Ponto de vista subjetivo é irredutível e único.
- Intransponibilidade da experiência consciente enquanto experiência subjetiva.

David Chalmers

- Impossibilidade de formulação de uma teoria que explique plenamente como um sinal cerebral pode dar origem a um estado consciente.
- Consciência é uma característica fundamental do mundo (como a lei da gravidade).
- O *hard problem* é definir o que é a consciência. Explicações funcionais não bastam, porque para explicar o desempenho de uma função é necessário especificar o mecanismo que desempenha a função.

Opositores:

Churchland

- Do caráter subjetivo da experiência, não podemos necessariamente concluir que sensações e percepções de cores devam ser considerados algo não físico.

Dennett

- Se, no limite, todas as experiências fossem subjetivas e privadas, a própria linguagem como instrumento de comunicação seria impossível.

Fodor

- Fracasso em explicar causação do mental sobre o físico.

Pan-psiquismo

- Imagem animista do mundo.

DISSOLUÇÃO DO CONCEITO DE MENTE

1. Behaviorismo radical

Argumento central

(John B. Watson, Skinner) O comportamento não tem causas mentais. Comportamento são as respostas observáveis a estímulos. O problema de explicar a natureza da interação mente-cérebro desaparece, uma vez que tal interação não existe.

Opositores

Fodor

- Mesmo quando uma resposta comportamental está intimamente ligada à um estímulo ambiental, os processos mentais sempre intervêm.

2. Behaviorismo lógico

Argumento central

(Gilbert Ryle) O mental, entendido como um conjunto de entidades subjetivas e privadas, ou não existe ou não desempenha papel algum. Conceitos que se referem àquilo que é mental (dor, desejo, raiva, amor, crenças, etc.) devem ser analisados em

termos de comportamentos ou disposições para se comportar. Atribuir um estado mental a um organismo é o mesmo que dizer que o organismo está disposto a se comportar de um certo modo.

Opositores:

Pensamentos que não dispõem a nenhum comportamento específico.

Gera um efeito circular – a análise comportamental de um estado mental acaba sempre por recorrer a outros estados mentais.

Gera uma piada: *um behaviorista lógico, após fazer amor com outra behaviorista, diz: Vejo que você gostou. E eu? Eu gostei?*

3. Materialismo eliminativo

Argumento central

(casal Churchland, Paul Feyerabend, Richard Rorty) O vocabulário sobre estados mentais pretence à *folk psychology*, que não merece crédito. Deverá sumir com o desenvolvimento da neurociência. Nós não precisamos buscar uma redução da *folk psychology* a uma eventual neurociência amadurecida, devemos simplesmente elimina-la.

Monismo/ Materialismo

Há correlatos neurais da consciência?

1. Monismo materialista



1a) Teorias da Identidade

Argumento central

(Herbert Feigl, U. T. Place, J. J. C. Smart) Tipos de estados mentais são a mesma coisa que tipos de estados cerebrais. Chamado fisicalismo de tipos (type-type identity) – doutrina sobre universais ou propriedades mentais (ie medo de animais). Identificação de estados mentais com estados neurológicos específicos.

Ex.: dor – efeitos corticais resultantes de estimulações pré-corticais (no tálamo e na formação reticular), as quais são geralmente produzidas pela estimulação de células nociceptoras periféricas).

Opositores:

(Nagel) A teoria da identidade não é capaz de identificar os qualia com eventos cerebrais, pois o modo de sentir (how it feels) e ter (how it is like) os primeiros nunca se dá à experiência física intersubjetiva.

(Hilary Putnam e J. A. Fodor) Múltipla realizabilidade – estados mentais podem se realizar nos mais diversos tipos de arranjos materiais – no próprio cérebro inclusive (caso Herbert Viana – plasticidade do cérebro).

Viola a Lei de Leibniz – se duas coisas são idênticas, a elas podemos atribuir exatamente as mesmas propriedades.

1a1) Reduccionismo

Argumento central

Estados mentais podem ser reduzidos a estados cerebrais. Mas não há identidade entre tipos de estados mentais e estados cerebrais, embora alguma identidade deva sempre existir (token token identity – fisicalismo de eventos – uma doutrina sobre particulares mentais (dor atual do Alessandro)).

Opositores:

- Nossa mente poderia sair vazando pelo mundo, desde que encontre algum tipo de suporte material.
- Explanatory gap – mesmo que alguém encontre os correlatos neurais do pensamento, isto ainda não explicaria como se passa desses correlatos neurais para características específicas que constituem um determinado conteúdo mental.
- (Nagel) Estados mentais intensionais, apesar de serem idênticos a algum estado físico em cada caso particular, não terão nenhuma contrapartida física geral, por que tanto as causas como os efeitos de uma dada crença, desejo ou intensão são extremamente variadas em diferentes ocasiões, até mesmo para o indivíduo, para não falar em pessoas diferentes.

1b) Materialismo não reducionista

1b1) Teorias da superveniência

Argumento central

Existe uma relação de dependência entre todos os fenômenos do universo e sua base física. Um conjunto de fatos e propriedades pode determinar integralmente um outro conjunto de fatos e propriedades (propriedades emergentes).

1b2) Funcionalismo

Argumentos centrais

Há coisas que se definem primariamente por sua natureza material ou substantiva: um grão de areia, uma montanha, uma árvore. Mas há outras que se definem primariamente por sua função.

(Fodor)

Não é nem dualista nem materialista. Reconhece a possibilidade de sistemas tão diversos como seres humanos, computadores e os espíritos desencarnados podem ter estados mentais (psicologia de um sistema não depende da matéria de que é feito).

Elabora o conceito de papel causal de um modo tal que um estado mental pode ser definido por suas relações causais com outros estados mentais.

Uma vez que o funcionalismo reconhece que os particulares mentais podem ser físicos, ele é compatível com a idéia de que a causação mental é uma espécie de causação física (tolera o materialismo).

Se permitir a introdução de constructos teóricos funcionalmente definidos quando houver mecanismos capazes de desempenhar a função e quando existir uma noção de como seriam esses mecanismos. Identificação dos processos mentais com as Máquinas de Turing. A definição de um estado de programa nunca se refere à estrutura física do sistema que roda o programa – por analogia – o caráter de um estado mental é independente de sua realização física.

Embora as operações elementares da Máquina de Turing sejam restritas, as interações das operações capacitam a máquina a realizar qualquer computação bem definida sobre símbolos discretos. Por analogia – se a mente é um dispositivo que manipula símbolos...

A concepção de que as propriedades semânticas das representações mentais são determinadas por aspectos de seu papel funcional ocupa um lugar central nos trabalhos atuais dentro das ciências cognitivas.

O funcionalismo consiste, assim, num nível de descrição onde é possível abster-se de ou suspender as considerações acerca da natureza última do mental, isto é, se esse é ou não, me última análise, redutível a uma estrutura física específica – TEIXEIRA.

Opositores:

- Não se limite a estados e processos mentais (gato = ratoeira).
- Não dá conta da questão dos qualia – enigma do espectro invertido (Shoemaker) e qualia ausentes (Ned Block) – o cérebro de um robô pode ser funcionalmente igual ao meu, mas isto não implica que esse cérebro artificial possa ter sensações subjetivas iguais às minhas ou mesmo experiências conscientes.
 - Resposta: (Chalmers) substituição dos neurônios por chips? – se se reproduz a organização funcional do cérebro, com essa se reproduz também a geração de qualia e de experiências conscientes.
- (Ned Block) Em última hipótese, poder-se-ia prescindir totalmente dos cérebros – pode a população da China ser um cérebro?

- Caráter químico-elétrico do cérebro e sua plasticidade para reagir à variações nas circunstâncias ambientais.
- (Searle) Quarto chinês. Impossibilidade de se obter um equivalente mecânico para o fenômeno cognitivo humano que normalmente denominamos compreensão.

➤ Resposta: (Copeland) falácia das partes para o todo.

1c) Sistemas Intencionais

Daniel Dennett

Naturalismo biológico

Argumento central

(Searle) A consciência é um processo biológico que ocorre no cérebro (como a digestão, que ocorre no estômago) – nesse sentido se aproxima do materialismo. Mas a consciência tem uma ontologia de primeira pessoa, não podendo ser material, pois todas as coisas e processos materiais têm uma ontologia objetiva de terceira pessoa (se aproxima do dualismo).

“como os proverbiais homens cegos e o elefante, agarramo-nos a alguma suposta característica do mental. *Há sentenças invisíveis lá dentro!* (linguagem do pensamento). *Há um programa de computador lá dentro!* (cognitivismo) *Há somente relações causais lá dentro!* (funcionalismo). *Não há nada lá dentro!* (eliminacionismo). E assim por diante, de modo deprimente.”